

**ELEMENTOS DA CULTURA NORDESTINA NO POEMA
CORAÇÃO NORDESTINO, DE BRÁULIO BESSA: UMA
INVESTIGAÇÃO SOB A ÓTICA DA TEORIA DIALÓGICA DA
LINGUAGEM**Antonio Flávio Ferreira de Oliveira¹
Valdilene Martins da Silva²

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo investigar os elementos da cultura nordestina, orquestrados no discurso de Bessa (2018), analisando-os à luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL). Nessa pesquisa, serão apontados como esses elementos são mobilizados pelo autor e qual o efeito desses elementos na produção discursiva. Bráulio Bessa é um cordelista cearense, de Alto Santo que, por meio das suas poesias, busca promover uma aceitação/valorização da cultura e do povo nordestino, podendo ser considerado um regionalista. Essas questões serão abordadas, metodologicamente, em uma proposta qualitativa-interpretativista, por se tratar de uma pesquisa de teor analítico. Os dados coletados deram-se por meio da leitura do poema *Coração Nordestino* e da elaboração de um quadro que apresenta as distintas categorias desses elementos. Como resultado, foi constatado que esses elementos representam e exaltam a cultura nordestina como um todo: a cultura popular, a culinária regional, a música, a classe social, a mitologia etc. Assim, o discurso de Bessa (2018) é direcionado para a nação nordestina, gerando um efeito de aceitação/valorização sociocultural da região.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Dialógica da Linguagem; Cultura Popular; Nordeste.

**NORTHEAST CULTURE ELEMENTS IN THE POEM *CORAÇÃO
NORDESTINO*, FROM BRÁULIO BESSA: AN INVESTIGATION GROUNDED ON
LANGUAGE DIALOGIC THEORY**

ABSTRACT: This study aimed to investigate the elements of the Brazilian northeastern culture in the speech of Bessa (2018), analyzing them according to the Dialogical Theory of Language (TDL). This research addressed how these elements are mobilized by this author and what effect they have on discursive production. Bráulio Bessa is a poet from Alto Santo (Ceará, Brazil) who, through his poems, seeks to promote acceptance/valorization of the Brazilian northeastern culture and people, and can be considered a regionalist. These issues were dealt with, methodologically, in a qualitative-interpretivist proposal, as this is analytical content research. Data were collected from the reading of the poem “*Coração Nordestino*” and from the development of a table that presents the different categories of these elements. As a result, it was found that these elements represent and extol the northeastern culture as a whole: popular culture, regional cuisine, music, social class, mythology, etc. Thus, the speech of Bessa (2018)

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO is focused on the population of the Northeast region of Brazil, generating an effect of socio-cultural acceptance/valorization of this region.

KEYWORDS: Dialogical Theory of Language; Popular Culture; Northeast.

Introdução

O poema *Coração Nordestino*, presente no livro *Poesia que transforma*, publicado pelo autor cearense Bráulio Bessa, no ano de 2018, apresenta traços que reforçam os aspectos da cultura nordestina, tais quais, as marcas da oralidade, a culinária, a cultura popular, a religião, a economia etc. O autor expõe, por meio das construções enunciativas de seus poemas, uma maneira de escrever/declamar, discursos voltados para a valorização da região e do povo nordestino.

Assim, podemos dizer que o discurso do autor é direcionado para a nação nordestina, na intenção de exaltar a região e as particularidades da mesma. O poema *Coração Nordestino* será investigado através da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL). Para tanto, serão verificados elementos enunciativos que constituem o quadro das valorações nordestinas, como a cultura, a história, o léxico, a economia, dentre outras.

A escolha do tema surgiu através da leitura espontânea do poema e também devido à necessidade de um olhar sobre a cultura nordestina pelo direcionamento das relações socioculturais entre os sujeitos, expressas na obra. Além disso, a leitura do poema tornou-se prazerosa, retratando questões comuns do convívio regional nordestino ao qual pertencemos.

A elaboração deste trabalho se faz relevante, academicamente, haja vista, no escopo da TDL, até o momento da pesquisa, não termos encontrado algo que relacione o olhar teórico que privilegiamos com fatos discursivos da poesia de Bráulio Bessa, o que faz deste trabalho um referencial para possíveis trabalhos na área de Análise de Discursos, na qual as relações dialógicas entre os sujeitos permitem a troca de conhecimentos, de construções enunciativas e,



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO consequentemente, das axiologias culturais de um povo socialmente organizado.

Nos estudos realizados para a construção deste trabalho, foram encontradas duas pesquisas distintas, as quais envolvem uma análise do discurso de Bráulio Bessa. A primeira delas se trata de um artigo intitulado *Identidade, Apropriação e Consumo na Nordestinidade de Bráulio Bessa*, dos autores Souza e Sousa (2016), o qual aborda a maneira como o cearense Bessa defende a cultura da região nordestina e, consequentemente, como o mesmo alcançou visibilidade nacional por meio do programa matinal *Encontro* com Fátima Bernardes. A segunda pesquisa é um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido por Moura (2018), intitulado *Uma análise da variação linguística em postagens de Bráulio Bessa no facebook*, o qual tem como finalidade analisar a variação linguística nos discursos de Bessa publicados na rede social Facebook.

Dessa maneira, o presente trabalho busca investigar como se compõem os elementos da cultura nordestina no discurso de Bessa (2018) e analisar esses elementos composicionais no funcionamento discursivo. Para tanto, foram levantadas as seguintes questões: Que elementos da cultura nordestina são mobilizados/ orquestrados no discurso de Bráulio Bessa (2018)? Como esses elementos são enunciados/discursivizados? Qual o efeito desses elementos na produção discursiva?

A TDL apresentada pelo Círculo Bakhtiniano aponta para a linguagem como sendo constituída de maneira dialógica. Assim, é por meio do convívio sociocultural e do resultado desse convívio que se estabelecem as construções enunciativas. É devido ao outro e para o outro que os discursos são (re)criados socialmente. Para tanto, o presente trabalho investiga uma obra voltada para a valorização da Região Nordeste; principalmente, no tocante às suas particularidades que reafirmam uma cultura de traços fortes. Esse estudo é estabelecido pelas reflexões teóricas de autores como Bakhtin/Volochínov (2009), Bakhtin (2015), Volochínov (2013), GEGe (2012) Campomori (2008), entre outros.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

No tocante à organização deste trabalho, são apresentados, na seção de número 2 (dois), os estudos voltados para a TDL, teoria estudada pelo Círculo de Bakhtin; além do estudo acerca de Cultura e Cultura Popular, compreendido nas discussões de Campomori (2018), Eagleton (2011) e Assis/ Nepomuceno (2018). Na seção de número 3 (três), trataremos de apresentar a metodologia utilizada na construção da pesquisa e, também, a análise, propriamente dita, dos elementos que reforçam os traços da cultura nordestina de uma forma geral (música, culinária, religião etc.), E, por fim, apresentaremos os apontamentos finais acerca da pesquisa realizada.

Elementos conceituais: Teoria Dialógica da Linguagem e Cultura

Inicialmente, para compreendermos o estudo da construção dos signos ideológicos no poema *Coração Nordestino*, faz-se necessário que adentremos ao mundo das relações dialógicas, pela ótica da TDL estudada pelo Círculo Bakhtiniano, tendo em vista que essas construções surgem por meio das vivências em sociedade e, conseqüentemente, do resultado dessas vivências.

Desse modo, a troca de palavras, de enunciados e, posteriormente, a troca de discursos, são o que permite que a língua se origine de natureza dialógica; assim como a necessidade de nos adequarmos ao meio em que estamos inseridos, seja culturalmente ou socialmente, sendo o uso concreto da linguagem que vai nos possibilitar viver essa interação. Faz-se necessário, também, a abordagem a respeito da conceituação sobre cultura e cultura popular, tendo em vista que a pesquisa é voltada para a análise de uma obra que está inserida na literatura de cordel, daí a sua bagagem cultural.

Em razão dessa discussão sobre a natureza dialógica da linguagem, como mencionado anteriormente, refletido pelo Círculo, é possível estudarmos essas construções a partir do discurso formulado por outro indivíduo, como abordaremos neste trabalho, que está direcionado para a análise da elaboração dos elementos significativamente nordestinos.

De acordo com Volochínov (2009), a língua constitui-se de natureza dialógica. Dessa maneira, como salienta o autor, esse princípio de constituição



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO fundamenta-se no discurso de outrem como ponto de partida para gerar a (re)criação dos enunciado-respostas, visto que é no diálogo, e em resposta ao outro, que o ser humano, em contextos de interação, consegue estabelecer e elaborar seu ato de fala. A reciprocidade das interações entre os falantes da língua possibilita a produção de novos discursos que têm por finalidade gerar réplicas impregnadas de compartilhamento de novos conhecimentos relacionados às construções enunciativas desses locutores, o que caracteriza a construção valorativa social de cada comunidade discursiva.

Em se tratando disso, Fiorin, interpretando o pensamento do Círculo, comenta que:

[...] a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos (FIORIN, 2008, p.18-19).

Nesse excerto, percebemos que a língua é compreendida como um sistema linguístico-ideológico, pois, como assevera Oliveira (2019), constitui-se por meio das trocas verbais socialmente construídas, resultantes da interação histórico-social entre os sujeitos. Nesse sentido, apresenta-se como um conjunto normativo-valorativo que, por sua vez, está constantemente sofrendo um processo de (re)construção social. Os falantes da língua estão expostos a essas mudanças que acontecem através do tempo e da necessidade de aprimoramento da comunicação entre determinado grupo de fala.

Isso posto nos faz compreender que o uso concreto da língua se dá através da utilização/inserção da palavra em contextos efetivos da vida social e, conseqüentemente, como postula Volochínov (2009), pelo diálogo dessa palavra com outras palavras, criando e mobilizando a existência de uma resposta/retorno entre os falantes da língua. Ainda como alega o autor mencionado, a palavra, por sua vez, é neutra no tocante a qualquer função ideológica específica. Somente quando esta palavra é assumida por um usuário da língua, em forma de entonação avaliativa, como consolida Oliveira (2015, 2019), utilizada em um determinado contexto e dirigida a um destinatário, é que passa a ser preenchida de sentido e, desse modo, é concretizada em forma de enunciado.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

Nesse prisma, a determinação das relações dialógicas em relação à construção da língua/linguagem ocorre a partir da vivência em sociedade e da troca de dizeres e conhecimentos na utilização da língua, possibilitando que exista a (re)criação de enunciados que também surgem por meio desse fenômeno de natureza social e se perpetuam com base na convivência entre os falantes que dialogam e assumem um posicionamento subjetivo em determinados contextos de uso concreto da língua. Consoante Volochínov (2013), uma palavra surge diante de outra palavra, um enunciado de outro enunciado e assim se configura sua natureza dialógica.

Por sua vez, as práticas dialógicas não se limitam apenas ao discurso face a face, mas também a outras formas de diálogo, como as virtuais, as do discurso interior que se apresentam por meio da linguagem e da criatividade humana no processo da criação ideológica e da comunicação (cf. VOLOCHÍNOV, 2009). Pode-se dizer que é por meio do diálogo que vivemos e conhecemos o mundo, enquanto seres atuantes social e culturalmente.

Em relação à cultura, considerando os estudos de GEGe (2012), ela é vista como uma produção de atos históricos, por isso possui a característica de originar-se socialmente, de possuir uma historicidade, nos levando a compreender melhor sua produtividade, pois essa tem como finalidade dar sentido ao homem socialmente e historicamente. Conforme enfatizado por Eagleton (2011), “cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua [...]”. Nesse sentido, esse teórico enfatiza que mais complexo que o termo cultura é somente o termo natureza, que é o seu oposto. Desse modo, a cultura se estabelece em vários conceitos, o que implica a sua complexidade e a explicação do termo cultura, sem mencionar as suas possibilidades conceituais razão que não daria conta de abarcar sua construção perante a sociedade.

Campomori (2008) ressalta que:

A cultura é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento (CAMPOMORI, 2008, p. 78-79).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

Assim, como discute o autor supracitado, cultura é uma construção coletiva do ser humano que vive e age em sociedade, que constrói significados a partir das vivências e das experiências trocadas e assim compõem atos históricos. Na tônica de Campomori (2008), quanto à historicidade desses atos, podemos inferir que eles surgem em uma determinada época e perpassam para outra, mudando o seu significado em razão dos acontecimentos, do tempo e da visão de mundo das pessoas.

Segundo o GEGe (2012, p. 27), o ato cultural só existe nas fronteiras da história, em razão de ele surgir na sociedade “na atmosfera valorizante, tensa, em um mundo vivo e significativo” em relação ao tempo e ao espaço. Outra forma de cultura que aborda as características de uma nação ou mesmo de uma determinada região é a conhecida cultura popular. A cultura popular expressa reflexões sociais de determinados grupos que se compreendem em suas particularidades, vivendo e se reconhecendo em suas ideologias. Conforme salientado por Assis (2008, p. 2), “a cultura popular é uma forma de manifestação cultural intrinsecamente relacionada ao anônimo, ao coletivo, ao espontâneo, à tradição e à oralidade.” Assim, a cultura popular surge, também, de maneira axioideológica, por meio das vivências em sociedade e, conseqüentemente, dos resultados adquiridos através dessas vivências.

Ainda de acordo com o pensamento da autora:

As práticas culturais do Nordeste brasileiro sofrem forte influência do contexto popular: na religião e nas crenças (romarias, magia, superstições, tabus, rezadores, benzedeiras, credices); na culinária (tapioca, queijo de coalho, cuscuz, carne-de-sol, macaxeira, bode guisado, buchada, rapadura, farinha); na música e na dança; nos hábitos (dormir em rede, sentar nas calçadas, varrer a frente das casas etc.); nas brincadeiras, na forma solidária de se relacionar, nos mitos, nas lendas, contos, poesia, na literatura, enfim, para onde se olha em nossa região percebe-se a presença marcante da cultura popular (ASSIS, 2008, p. 5).

Dessa maneira, é no convívio em sociedade que se constrói um elo cultural e, conseqüentemente, a elaboração de convicções em comum entre os sujeitos; isso também ocorre por meio da troca de discursos e das construções dos signos ideológicos de um determinado povo.

Se cultura e historicidade servem de instâncias determinantes para a criação de sentidos dos atos humanos, na visão de Bakhtin/Volochínov (2009),



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO isso pode ser concretizado no plano do signo, pois tudo o que é ideológico é *signo*. Assim, sem a existência dos signos fica impossibilitada a construção de pensamentos de cunho ideológico, histórico e cultural. De acordo com Bakhtin/Volochínov (2009), todo produto ideológico surge diante de um outro significado que lhe é empregado. Ou seja, um significado que lhe é exterior, que, de acordo com o Círculo de Bakhtin, é dado a um corpo físico, um produto de consumo ou instrumento de produção; e esses podem, dessa forma, adquirir outra realidade. Essa realidade que está externada é o que os transformam em signo ideológico.

Essa criação ideológica é dada de maneira social, ou seja, quando fazemos uso da palavra que é o objeto fundamental do estudo das ideologias, pois, como salientado por Bakhtin/ Volochínov (2009, p.38), “a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico”. Nesse prisma, quando utilizada no contexto social, existe a necessidade de materialização da mesma na comunicação dos indivíduos que fazem parte da sociedade e que, conseqüentemente, devem assumir o uso dessa palavra para que haja a construção de seu significado e, em seguida, ser destinada a outro falante. Essa materialização de cunho social e ideológico é o que chamamos de signo, pois é o resultado das vivências em sociedade e da soma dos conhecimentos individuais de determinados grupos de fala (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009).

De acordo com o que esses autores ressaltam:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 31, grifo do autor).

Essa discussão dos signos ideológicos é trazida pelo Círculo de Bakhtin, de forma que, como já mencionado, eles acabam por ser compreendidos como a somatória dos conhecimentos adquiridos pelos grupos sociais que interagem e perpassam informações por meio de atos históricos e culturais e, posteriormente, empregam sentidos em coisas materializadas e que possuem uma realidade a que lhes são externa (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009).



Portanto, salienta o autor, os signos ideológicos se revelam a partir da convivência e da combinação de um pensamento individual com outro.

Considerando as ideias de Bakhtin/Volochínov (2009), este signo nasce socialmente, sendo uma construção feita pela soma de conhecimentos adquiridos na vivência dos grupos de fala e perpassados durante diálogos, possibilitando que os indivíduos socializados construam os seus próprios discursos, suas características e aprimoramentos da língua, com a finalidade de possibilitar aos que usam a fala um maior domínio da linguagem, bem como a construção de conhecimentos de mundo desses indivíduos que (re)agem socialmente.

De acordo com o pensamento de Bakhtin:

O discurso falado vivo está voltado de modo imediato e grosseiro para a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se voltado para ela. Formando-se num clima do já dito, o discurso é ao mesmo tempo determinado pelo ainda não dito, mas que pode ser forçado e antecipado pelo discurso responsivo. Assim acontece em qualquer diálogo vivo (BAKHTIN, 2015, p. 52).

Na perspectiva de Bakhtin (2015), o discurso surge, portanto, como uma forma particular do falante se aprimorar da língua no contexto social e de introduzir o seu discurso no discurso de outro indivíduo e vice-versa. Dessa forma, como consolida o autor, sempre que construímos o nosso discurso, o fazemos pensando em dirigi-lo a outro falante. Dessa maneira, só é possível que produzamos o nosso ato de fala se o planejarmos a partir do direcionamento do mesmo a outros indivíduos da língua que interagem por meio da comunicação social e em resposta ao outro. Assim, o discurso é construído através e em resposta a outros discursos.

Desse modo, quando formulamos o nosso discurso e, conseqüentemente, o verbalizamos, estamos criando, através da fala, um conteúdo exposto a partir de um tema principal. Segundo Bakhtin/Volochínov (2009), o discurso de outrem, por sua vez, se origina além do que vem a ser o conteúdo do discurso. Este, de fato, surge como um discurso no discurso, podendo ser inserido no discurso e na construção sintática; sendo assim, o discurso no discurso, no qual somos tidos como receptadores de uma enunciação de outra pessoa que, particularmente, é independente na sua construção linguística.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

Como enfatizado por Fiorin (2018), para agir socialmente utilizando a linguagem, os seres humanos interagem em determinados campos de atividades, como, nas relações de amizade, na vida educacional, na política; isto é, em meios divergentes diante do contexto social de uso real da língua, na qual se faz necessário a utilização de diferentes conteúdos. Assim dizendo, esse agir que instiga o uso de determinados enunciados que, conseqüentemente, são produzidos para atuarem em determinadas situações de uso da linguagem são considerados pelo Círculo de Bakhtin como enunciados relativamente estáveis.

Conforme dito por Fiorin:

Os gêneros do discurso são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade (FIORIN, 2008, p.61).

Assim, considerando a ideia do autor, os gêneros surgem para a utilização da língua no tocante ao campo de atividade em que a mesma será inserida; dessa forma, para cada campo de atividades humanas, utilizamos gêneros distintos.

Esses gêneros do discurso refletem condições específicas e possuem finalidades que, socialmente, se estabelecem e, a partir dos enunciados concretos, são introduzidos na vida e na linguagem. Segundo Fiorin (2008), o conteúdo temático não surge como o tema em si de um texto, mas, sim, como o sentido e o domínio de que esse gênero se ocupa. Já a construção composicional se trata da forma como um texto é elaborado; refere-se a sua estruturação. O ato estilístico, por sua vez, ocupa-se da escolha de meios lexicais e das formas linguísticas que serão utilizadas para uma melhor compreensão por meio do interlocutor.

Assim, é socialmente que realizamos o ato concreto da fala, de trocas de conhecimentos e das construções ideológicas. Dessa maneira, os estudos sobre a TDL nascem da necessidade de observação e da tentativa de interpretarmos quais são as relações que existem entre os indivíduos que fazem uso concreto da língua/linguagem no meio sociocultural em que estes estão inseridos.

Elementos culturais no poema *Coração Nordestino*



Nesta seção, trataremos de apresentar a análise do trabalho, que se deu através da leitura do poema *Coração Nordestino*, do autor Bráulio Bessa (2018), cordelista conceituado, sendo um indivíduo que representa a cultura do seu povo, de maneira valorativa.

Além disso, apresentaremos, nesta seção, elementos considerados signos nordestinos construídos de maneira sociocultural, apresentando sentidos que vão além do seu objeto material. Esses elementos serão analisados à luz da TDL, na qual se fundam as relações dialógicas existentes entre os indivíduos que convivem em uma dada cultura; neste caso, os sujeitos nordestinos.

As relações dialógicas entre os sujeitos nordestinos possibilitam o compartilhamento de visões de mundo em comum. Essas convicções geram e (re)criam sentidos que só os pertencentes a uma dada cultura (re)conhecem, como, o hábito de ir a novenas, as particularidades lexicais, a culinária e outros elementos, por exemplo.

Fazer parte de uma determinada cultura é dialogar com outros sujeitos. É se (re)conhecerem nos detalhes, nas particularidades. É interagir socialmente, culturalmente, fazendo nascer novos signos ideológicos, reafirmando, assim, a axiologia regional de um povo que convive e interage, fazendo-o irromper-se de uma palavra outra, de um ato enunciativo outro, de um discurso outro.

Metodologia

No tocante à metodologia, realizamos uma pesquisa de teor qualitativo-interpretativista, porque não se trata de um trabalho de coletas de dados estatísticos, mas, sim, de uma pesquisa de teor analítico, tendo-se em vista a maneira como o autor do poema apresenta os aspectos da região nordeste, de forma contextualizada, como as crenças, o cotidiano, outros valores etc.

No que se refere à investigação, sob a ótica dialógica da linguagem, a pesquisa se dá por meio da análise do poema *Coração nordestino*, publicado no livro *Poesia que transforma*, no ano de 2018, pelo autor cearense Bráulio Bessa. A obra traz alguns elementos, como, os elementos da música (viola), da dança (“forrozim”), da religião (novenas), da classe social (esmolas) etc., que são



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO característicos da cultura nordestina e esses elementos, por sua vez, são construídos de maneira social e cultural, perpassados de um período para outro, pois acompanham as mudanças culturais do povo nordestino.

Podemos observar na construção enunciativa “[...] um cheiro no bem querê” (BESSA, 2018, p. 47), que as marcas que reforçam a oralidade do povo nordestino são muito presentes. Essas marcas, por sua vez, foram adquiridas pela influência de valores coletivos, social e culturalmente; daí, o seu caráter de se perpassar de uma geração para outra, no tocante às gerações nordestinas.

Bessa (2018) apresenta uma maneira discursiva particular, na qual movimenta em seu discurso aspectos próprios do falar nordestino, retratando os elementos culturais. Ou seja, de relatar tudo aquilo que nos remete às particularidades da Região Nordeste, de um jeito que engrandece e valoriza essa região. Os elementos apresentados pelo autor têm significações construídas coletivamente, por meio da vivência de um povo e do conhecimento compartilhado pelo mesmo.

O autor, em 2011, vendo a nação nordestina sofrer uma enxurrada de ataques preconceituosos nas redes sociais, teve a ideia de criar uma *fanpage* no Facebook, na intenção de valorizar o povo nordestino que estava sendo desrespeitado, agredido e menosprezado por parte de indivíduos que moram em outras regiões. Como enfatizado por Bessa:

O que eu via era a carência de um movimento que valorizasse a cultura nordestina de forma geral: artesanato, culinária, música, poesia e, acima de tudo, a essência do homem sertanejo. Por isso criei a página. O povo nordestino estava se sentindo inferiorizado, ferido. Como um povo tão gentil, prestativo, que recebe tão bem, podia ser tão atacado? [...] (BESSA, 2018, p. 50).

Podemos dizer que o discurso do autor Bráulio Bessa (2018) é direcionado para a nação nordestina, com a intenção de exaltar a região e as particularidades da mesma. O poema *Coração Nordestino* será analisado pela ótica do quadro teórico da TDL e consiste em apresentar os fatos culturais, sociais, axiológicos etc. Esses fatos serão apresentados por meio da divisão em categorias de elementos que compõem a cultura nordestina (elementos da religião, da classe social, da geografia, da música etc.)



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

Esses elementos, por sua vez, serão apresentados por meio desse quadro, com a intenção de facilitar a apresentação dos dados acerca da construção desses elementos encontrados no poema. O quadro mencionado foi elaborado através das leituras do poema e, também, da fragmentação de alguns elementos que são considerados significativamente nordestinos, pois nos remete às características dessa região.

Nesse sentido, o quadro em questão irá nos possibilitar uma visão mais direcionada para as diferentes categorias encontradas no poema *Coração Nordestino*. Sendo assim, essa fragmentação se faz necessária para que haja a viabilidade de uma melhor compreensão desses elementos que foram construídos de maneira social, cultural, dos fatos históricos e da interação entre os sujeitos que vivem e (inter)agem nesse contexto sociocultural. Assim, esse quadro torna-se uma ferramenta de relevante importância nas discussões referentes à área de análise do poema.

No quadro, a seguir, constam os elementos culturais regionais presentes no poema *Coração Nordestino*:

Quadro 1 – Categorização dos elementos culturais regionais no poema *Coração Nordestino*, de Bráulio Bessa

<i>CATEGORIAS</i>
Elementos da música/dança/culinária
Elementos da classe social/geografia
Elementos da mitologia
Elementos da religião
Elementos da cultura popular
Elementos da economia
Elementos do léxico

Fonte: Criação dos autores



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

Uma vez que a linguagem se constitui dialogicamente, podemos identificar alguns elementos que são construídos por meio das relações interacionais dos sujeitos socializados. Em seu poema, Bessa (2018) enobrece o Nordeste, apresentando alguns aspectos da identidade nordestina, como, os aspectos linguísticos (mêi, cheiro, cabra, querê); a culinária (milho verde cozido, galinha bem temperada); a religião (novenas, igreja) etc.

O autor direciona o seu discurso para o povo nordestino que se sente representado por ditos e não-ditos, que o faz como uma forma de reconhecimento da cultura regional e, em contrapartida, absorve o discurso de outrem, que é construído a partir das respostas enunciativas desse povo que se (re)conhece em seus dizeres. O convívio entre os indivíduos permite uma proximidade e um domínio das particularidades lexicais, sociais, religiosas e culturais das comunidades discursivas que possibilitam a familiarização entre pessoas que possuem semelhanças em seus modos de vida.

O discurso de aceitação e valorização da cultura popular nordestina é trazido pelo autor, de maneira gritante, como podemos observar no seguinte enunciado: “[...] um forrozim pra dançar,/ que também é nosso hino,/ quer dançar, eu lhe ensino/até o suor descer/Tudo isso faz bater/um coração nordestino” (BESSA, 2018, p 47). Dessa maneira, o autor traz, por meio do seu discurso, elementos da música, da dança, e também aspectos lexicais da cultura nordestina.

Em “Tudo isso faz bater um coração nordestino”, enunciado, por diversas vezes, no poema, nos releva, aos poucos, o que faz um coração nordestino se encher de alegrias e sentidos, os quais são trazidos a partir das particularidades da região, expostas no poema, de forma sincera e espontânea.

Nos fios do poema Coração Nordestino, o autor procura apresentar e desenvolver a sua visão e, também, a visão de outros nordestinos, acerca das especificidades do seu povo, como, as crenças, os aspectos sociais, a culinária etc.; nas quais existe uma reafirmação cultural e uma apresentação da realidade que, por sua vez, é retratada de maneira suavizada e instigadora.

Observe o seguinte enunciado:

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

As conversas de calçadas/ os causos de assombração / em riba de um caminhão /a mudança inesperada,/ galinha bem temperada/ sem usar tempero fino,/ quebranto forte em menino / pra benzedeira benzer./ Tudo isso faz bater/ um coração nordestino (BESSA, 2018, p.46).

Nesse trecho, podemos identificar alguns elementos da identidade cultural nordestina, como, elementos da mitologia (causos de assombração, quebranto forte em menino), elementos da culinária (galinha bem temperada), e da oralidade (em riba). Todos esses elementos são apresentados pelo autor de modo que possa valorizar discursivamente as marcas da cultura popular do povo nordestino.

Bessa (2018) faz uso de uma linguagem informal, apresentada na categoria lexical que será vista mais adiante. Uma linguagem informal, porém bela aos olhos e ouvidos de quem presencia o seu discurso, por meio de algumas brechas que (re)aparecem com a finalidade de atender ao público principal para quem o poema está direcionado. Dessa maneira, as marcas da oralidade na linguagem nordestina permite gerar um efeito de valorização cultural, na qual o discurso do autor fascina, desde os mais jovens até os mais velhos conhecedores da sua poesia, por sua maneira espontânea de apresentar a realidade nordestina aos seus leitores.

Elementos da música/dança/culinária

Os elementos da música, da dança e da culinária se fazem presentes no poema, como uma maneira de o autor apresentar a sua região, de acordo com os significados construídos a partir do meio em que os indivíduos estão inseridos. No trecho: *“Um cantador de viola / fazendo verso rimado [...]”*, o autor apresenta, na categoria música, produtos da construção axiológica nordestina, como, por exemplo, a figura do cantador e a viola. Esses elementos foram construídos pela influência da força cultural, sendo discursivizados, pelos falantes da língua, pela construção histórica da palavra que, conseqüentemente, foram direcionadas para outros indivíduos que convivem no mesmo meio social.

Volochínov (2009) salienta que a palavra tem como finalidade acompanhar e comentar os atos ideológicos. Levando em consideração o pensamento do autor, é interessante atentarmos para o fato de que, pelo uso da



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO palavra, os sujeitos (re)criam atos ideológicos e, apenas quando esta é direcionada para alguém, é que ela se converte em enunciado.

Dessa maneira, as palavras *cantador* e *viola* têm um forte poder axiológico no tocante às lembranças voltadas para a região nordeste, pois nos remete a um povo que, apesar das dificuldades, procuram, no instrumento viola, uma forma de se comunicarem por meio da música e do bem que ela proporciona. Um exemplo bastante significativo é o dos conhecidos repentistas de viola. Ou seja, poetas populares que, por meio da modalidade oral, levam arte para a população. Além disso, nas cidades interioranas do Nordeste, é bastante comum encontrarmos repentistas nas feiras livres, com as tradicionais cantorias, conhecidas e admiradas pelo povo nordestino, e que são postas como objetos enunciativos, utilizados pelo grupo de agentes da enunciação, os cantadores/repentistas de viola, que compactuam em suas convicções ideológicas em razão do tempo e dos fatos históricos.

Bakhtin (2014) salienta que o enunciado surge num determinado momento histórico e social, originando-se, assim, de maneira dialógica, sendo participante concreto do diálogo social. Ele também surge como uma resposta a outros enunciados, estabelecendo, dessa maneira, relações de sentidos entre ambos.

Nessa linha de pensamento, o discurso, quando direcionado para outros indivíduos, possibilita uma resposta e, assim, reafirma essa construção de cunho sociocultural, na qual existe uma valorização por parte do autor do poema sobre as coisas simples, porém, gratificantes, vividas pelo seu povo nordestino, como as cantorias viola etc.

Nas estrofes [...] *cantadores pra rimar,/ um forrozim pra dançar/ que também é nosso hino/ quer dançar, eu lhe ensino/até o suor descer*, o autor do poema direciona o seu discurso para outros sujeitos que conhecem e vivenciam a dança como uma forma de descontração e de interação social. O ritmo forró é uma dança que sempre esteve presente na cultura nordestina e, em todo o tempo, é tocada e dançada na região. Por esse motivo, possui uma grande simbologia entre os indivíduos nordestinos, na qual existe uma valorização e um reconhecimento popular sobre o ritmo.

**Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**

Um exemplo da valoração cultural e da importância dessa dança é o da conhecida festa junina, pois, na Região Nordeste, o ritmo forró é ouvido e dançado de uma maneira peculiar e com grande entusiasmo. Sendo assim, podemos considerar este ritmo como sendo uma construção axiológica nordestina gritante, um aspecto forte e indispensável na cultura dessa região. Grandes nomes do forró, que não aparecem no poema, mas que representaram, perfeitamente, o Nordeste, foram eles: Jackson do Pandeiro, Sivuca, Luiz Gonzaga e outros.

Assim, a construção subjetiva desses artistas também é marcada como uma construção axiológica, pois foram criados por meio do convívio e da aceitação de um grupo de pessoas que compartilham objetivos e visões de mundo. Como elucida Bakhtin: o discurso surge no diálogo e funciona como uma réplica/resposta. Assim, o discurso surge em função do outro e para o outro, havendo uma interação real entre os falantes. Dessa forma, há uma troca concreta e eficaz que permite aos falantes da língua se (re)conhecerem nos seus discursos, de maneira natural e responsiva.

No que se refere aos elementos da culinária, o autor os retrata, nos trechos: “[...] toicim de porco torrado/ numa velha caçarola [...]” (BESSA, 2018, p. 46), “[...] galinha bem temperada/ sem usar tempero fino [...]” (Bessa, 2018, p.46) e “Tem milho verde cozido, castanha feita na brasa [...]” (BESSA, 2018, p.48). Nesse caso, o autor apresenta, em seu poema, alguns alimentos/pratos que são típicos da região nordeste; principalmente, o *milho verde cozido*, que é um dos pratos mais saboreados na região durante o período junino.

A *galinha bem temperada* também é característica da região, pois os nordestinos têm a fama de usarem temperos diversos, garantindo números sabores culinários. Já a *Castanha feita na brasa*, por sua vez, nos remete às castanhas-de-caju, que são retiradas dos cajueiros, planta típica da região. Além disso, aponta para as lembranças dos grandes tachos em que as castanhas são torradas e dos encontros com o intuito de quebrá-las, para que, assim, possam ser saboreadas. Dessa forma, podemos dizer que esses elementos da culinária nordestina foram construídos coletivamente, por meio da cultura e da história da



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO região. Assim, também podemos dizer que a culinária nordestina possui grande influência ideológica.

Elementos da classe social e da geografia

No tocante à Região Nordeste como uma classe, como um conjunto de pessoas de uma região, observamos, no poema de Bessa, que a construção enunciativa do autor é voltada para a apresentação do universo nordestino no qual é mobilizado, em seu discurso, alguns ditos e não-ditos acerca da realidade social da região, como é demonstrado no seguinte trecho: “[...] um cego pedindo esmola/ lamentando o seu destino,/ é só mais um Severino/ que não tem o que comer/Tudo isso faz bater/ um coração nordestino” (BESSA, 2018, p. 46). Sabemos que é bastante comum encontrarmos, principalmente, nas cidades do interior do nordeste, pessoas que, sem possuírem nenhum meio financeiro, saem às ruas para pedirem esmolas. Também é bem recorrente encontrarmos pessoas com deficiência visual nas portas das igrejas pedindo ajuda para os fiéis que vão à missa ou, até mesmo, às pessoas que passam em frente a essas igrejas, como o autor relata de maneira clara no trecho em análise.

Porém, Bráulio Bessa (2018) traz, mesmo que de maneira suavizada, uma discussão desses fatos de cunho socioeconômico, no qual direciona o seu discurso para outros indivíduos que vivem na Região Nordeste e que conseguem reconhecer, em seu ato enunciativo, os problemas sociais enfrentados pelo seu povo, assim como as marcas deixadas pelo tempo e pela falta de oportunidade na vida dos nordestinos. Dessa maneira, podemos dizer que há uma crítica social por trás do discurso de Bessa. No enunciado: “*é só mais um Severino que não tem o que comer*”, o autor chama à atenção dos seus leitores para uma realidade de muitos nordestinos que, por não possuírem um meio de vida, passam até fome, decorrente dessas dificuldades encontradas na região, até mesmo pela falta de oportunidade de emprego.

No tocante aos elementos da geografia, o autor enuncia, por meio da construção lexical “[...] o gado magro e mofino [...]” (BESSA, 2018, p. 46), os não-ditos do poema, pois, o enunciado em questão nos remete à seca enfrentada pela Região Nordeste; principalmente, no sertão nordestino, onde



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO
muitos animais morrem devido à escassez de chuvas e, conseqüentemente, à falta de água e de alimentos. Historicamente, muitas das famílias nordestinas se mudavam para outra região, tentando escapar da seca que afetava e ainda atinge à região e que acaba resultando em altos níveis de desemprego. Dessa maneira, Bessa (2018) traz em seu discurso esses fatos históricos e socioeconômicos do povo nordestino.

Bessa (2018), por meio do uso do enunciado, possibilita a construção de outros enunciados, como, por exemplo, a associação do enunciado “o gado magro e mofino” com a seca enfrentada pela região nordestina, tendo em vista todos os aspectos históricos da região. Assim, podemos dizer que o enunciado possui um destinatário – a nação nordestina. Além disso, o uso da palavra, e de toda construção enunciativa feita pelo autor, constitui-se de maneira sociocultural, por meio de outras palavras, de outras realidades que são refratadas no poema.

Elementos da mitologia

Por meio das construções enunciativas, no poema *Coração Nordestino*, verificamos maneiras de como a linguagem se constitui dialogicamente, como a forma com que Bessa (2018) refrata a realidade da região nordestina. Encontramos, no discurso de Bessa, alguns elementos da mitologia nordestina (assombração, benzedeira). Observemos a seguinte construção: “As conversas de calçadas/ os causos de assombração” (BESSA, 2018, p.46). Nessa construção lexical, o autor apresenta uma realidade que ainda é bastante comum nas cidades do interior nordestino; principalmente, com as pessoas mais idosas, que gostam de ficar sentadas nas calçadas, em frente das suas casas, contando “causos de assombração”, o que é uma prática cultural ainda comum nas cidades interioranas da região.

No trecho: “[...] quebranto forte em menino/ pra benzedeira benzer./ Tudo isso faz bater/ um coração nordestino” (BESSA, 2018, p.46), o autor do poema enuncia as crenças populares da região nordestina, nas quais as pessoas acreditam que, se uma pessoa estiver adoentada, sem apetite etc., pode ser que essa pessoa esteja com mau-olhado ou olho gordo, como é conhecido na região.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO
Muitos acreditam que a inveja pode adoecer e que, quando isso acontece, é necessário uma benzedeira, pessoa que reza, na intenção de livrar alguém do mal.

Bakhtin enfatiza que “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p.281). Assim, O ato de contar lendas, causos de assombração e outras, é um hábito antigo de comunicação sociocultural, funcionando como uma atividade humana, assim como a procura por benzedeiças.

Os discursos enunciados são voltados para os ouvintes que vivenciam uma dada cultura, em um dado momento; nesse caso, Bessa (2018) faz jus ao Nordeste, trazendo, em seu poema, traços da mitologia local. Assim, podemos dizer que é no diálogo e em relação a outrem que o autor estabelece o seu discurso. É por meio dos aspectos da cultura popular nordestina que Bráulio Bessa (re)cria o seu discurso, formando o seu ato enunciativo e dando continuidade a outros discursos de indivíduos que (con)vivem socialmente.

Elementos da religião

Considerando que o Nordeste é uma região de um numeroso grupo de fiéis, no poema *Coração Nordestino*, o autor apresenta alguns dos elementos que são considerados como marcas da simbologia religiosa nordestina. O discurso religioso traz fortes características axiológicas que, por sua vez, são resultados do compartilhamento das convicções de um determinado grupo de pessoas, que seguem um mesmo ideal religioso, como, os católicos, os protestantes, entre outros, resultando, assim, na cultura popular de um povo, como, o costume de rezar antes de dormir, ao acordar, na hora das refeições etc.

Como podemos identificar nas construções enunciativas “[...] novenas para o divino, /pedidos para chover./ Tudo isso faz bater/ um coração nordestino” (BESSA, 2018, p. 46) e “[...] igreja tocando o sino/ no final do entardecer./ Tudo isso faz bater/ um coração nordestino” (BESSA, 2018, p. 48), o autor apresenta elementos marcantes da religião, como, as novenas que, principalmente, nas



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO cidades interioranas do nordeste, os fiéis procuram, por meio delas, se aproximarem do “divino”, como pode ser visto no discurso de Bessa (2018) “novenas para o divino, pedidos para chover”.

Geralmente, essas novenas acontecem nas casas de pessoas que, por promessa, ou apenas por devoção a Deus, tentam vivenciar as suas crenças religiosas, agradecendo ou pedindo alguma proteção. É muito comum nas cidades pequenas nos depararmos com procissões que têm como finalidade realizar novenas nas casas de pessoas vizinhas e que compartilham de uma mesma crença religiosa, permitindo, assim, o diálogo com o outro, o que, segundo a TDL, vai possibilitar a criação de novos diálogos, vivos e concretos.

Além disso, o fato de as igrejas do interior tocarem o sino, geralmente às 06h00min da manhã, ao meio dia e às 18h00min, faz compreender o sino das igrejas como também considerado uma construção axiológica nordestina carregada de sentidos que são exteriores ao mesmo. Esses sentidos são os que estão exteriorizados e que caracterizam esse elemento enquanto pertencimento das valorações nordestinas. Bakhtin/Volochínov (2009) enfatizam que o signo ideológico é não apenas uma sombra da realidade, mas que possui também um fragmento, seja ele material, ou não, dessa realidade.

Dessa maneira, esses signos ideológicos nordestinos são, não apenas um corpo físico ou algum instrumento de produção, mas também elementos e significados que foram construídos social e culturalmente, e que remetem aos nordestinos lembranças acerca da sua região. No poema, podemos encontrar o hábito dos nordestinos, principalmente, entre os mais idosos, de irem às missas e às novenas.

Elementos da cultura popular

Como propõem os estudiosos do Círculo de Bakhtin, a linguagem possui o caráter de se constituir de maneira dialógica, por meio do uso concreto da palavra e das interações sociais entre os indivíduos que compartilham de uma mesma visão de mundo, como, o fato da maioria dos nordestinos associarem alguns elementos (viola, forrozim, terreiro); como, sendo signos da sua região, construímos de maneira social e cultural.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO

Nesse prisma de pensamento, podemos dizer que alguns elementos constroem e caracterizam a cultura de um povo, como podemos exemplificar nas seguintes construções discursivas: “[...] menino dependurado/ nos braços de uma parteira, [...]” (BESSA, 2018, p.46), “[...] arapuça, baladeira,/ o chapéu de Virgulino [...]” (BESSA, 2018, p. 47) e “ O gibão de um vaqueiro/ que é sua armadura [...]” (BESSA, 2018, p. 49). Considerando isto, o autor do poema descreve, em cada estrofe, alguns desses elementos que têm grande significação para os sujeitos da região nordeste.

As parteiras possuem uma grande simbologia no Nordeste, onde, até pouco tempo atrás, muitos dos partos foram acompanhados por essas mulheres; principalmente, nas áreas rurais que, por serem distantes dos hospitais, as gestantes acabavam por terem os seus filhos em casa, acompanhadas por uma parteira. Essa construção valorativa estabelece características específicas da região. As relações existentes perante o contexto sociocultural e a aceitação dos indivíduos são o que possibilita dizermos que as parteiras constituem um complexo axiológico do conjunto de valorações no discurso de Bessa (2018).

No tocante aos elementos *arapuça*, *baladeira*, *chapéu* e o *gibão de um vaqueiro*, eles trazem uma lembrança/memória da região e dos fazeres do povo nordestino. A *arapuça* é de origem indígena e acabou por se tornar um signo nordestino, pois essa nação ainda pratica o ato de caçar aves e até mesmo alguns animais mamíferos, ato que acontece, especialmente, nas cidades da zonal rural. A *baladeira* também é um elemento que nos indica uma realidade que lhe é exterior: os meninos do interior que saem com uma baladeira para atirarem pedras em frutas, pássaros etc. O *chapéu* também é caracterizado como um elemento cultural nordestino; principalmente, o chapéu de couro, usado pelo sujeito sertanejo, pelos vaqueiros e pelas pessoas comuns da região, como forma de proteção do sol etc.

Na perspectiva de Bakhtin/ Volochínov (2009), o signo vai além de representar a parte de uma realidade, ele reflete e refrata uma outra realidade. Dessa maneira, esses signos ideológicos nascem por meio de uma realidade que são exteriores ao seu produto. Nesse sentido, o chapéu, para a nação nordestina, não é somente um produto manufaturado ou industrializado, pois ele



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO está repleto de significações e sentidos que foram construídos coletivamente; nesse caso, o sentido voltado ao homem sertanejo. O mesmo acontece com os outros elementos supracitados, como a baladeira e a arapuca.

Elementos da Economia

Os elementos da economia nordestina são encontrados nas construções enunciativas: “[...] zoadá no fim de feira, [...]” (BESSA, 2018, p.47), “[...] na bodega de Firmino/ tem muita coisa para vender” e “[...] engenho de rapadura [...]” (BESSA, 2018, p.49). Nesse sentido, Bessa traz em seu discurso os elementos *feira*, *bodega* e *engenho de rapadura*. Esses elementos possuem uma forte influência da cultura popular.

Além disso, as *feiras livres* trazem muitos benefícios para as cidades; principalmente, no tocante à renda e ao meio de vida dos que ali moram, muitos trabalham nas feiras livres das cidades interioranas. No Nordeste, muitos dos moradores deixam para fazer as suas compras nas feiras livres. O mesmo acontece com as bodegas das cidades do interior nordestino: essas bodegas trazem rendas para os comerciantes e fortalece o comércio local.

Os *engenhos de rapadura*, por sua vez, também são considerados como uma construção valorativa da região, pois eles remetem aos agricultores rurais que trabalham para o sustento familiar. Nos dias atuais, poucos engenhos estão em funcionamento, mas, ainda assim, são meios de vida de muitas famílias.

Assim, podemos observar que o discurso de Bessa (2018) estabelece, em sua totalidade, uma construção de cunho sociocultural, trazendo dialogismos sociais da região nordestina, sentidos que foram construídos pela nação nordestina, por meio das interações entre os sujeitos, da troca de palavras, enunciados e, conseqüentemente, discursos.

Elementos do léxico

Por a linguagem se constituir de maneira dialógica, encontramos na região nordestina muitos elementos lexicais que são caracterizados pela maneira própria como a nação se caracteriza em termos de identidade/alteridade. Nos enunciados: “[...] caminhar no mêi da rua [...]”



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO (BESSA, 2018, p. 47), “[...] um cheiro no bem querê” (BESSA, 2018, p. 47), “[...] pra mode o cabra comer” (BESSA, 2018, p. 48) e “[...] um véi estendido [...]”, o autor apresenta a maneira particular de os nordestinos formularem os seus discursos (as variantes lexicais); discursos que são direcionados para os indivíduos que fazem parte de uma mesma cultura e que compreendem e valorizam a maneira do seu povo se comunicar.

Fiorin (2008) enfatiza que os dialogismos são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. Assim, os sujeitos que pertencem à nação nordestina direcionam os seus discursos para outros nordestinos, como feito por Bessa (2018), no poema *Coração Nordestino*.

É a partir desse diálogo com outrem que construímos o nosso próprio discurso. É por meio das construções discursivas e em resposta ao outro, que elaboramos o nosso próprio discurso. A compreensão dessas variantes lexicais, por determinado grupo, só é possível se, os indivíduos que a ele pertence, compreenderem os sentidos expressos nessas enunciações. Dessa maneira, no poema *Coração Nordestino*, são trazidos alguns desses elementos lexicais (cheiro, mêi, cabra entre outros), que foram construídos de maneira sociocultural.

Considerações finais

Como podemos observar, o poema *Coração Nordestino* é um poema que contém muitos traços da cultura popular nordestina, elementos que fazem parte da realidade dos indivíduos que vivem e interagem num mesmo contexto sociocultural. O presente trabalho procurou, por meio da análise desses elementos, mostrar como esses foram construídos e organizados diante representação coletiva da sociedade nordestina.

Neste trabalho, foram desenvolvidos três questionamentos que nortearam a pesquisa, o primeiro deles foi: Que elementos da cultura nordestina são mobilizados/ orquestrados no discurso de Bráulio Bessa (2018)? Nessa perspectiva, podemos verificar alguns dos elementos que são orquestrados pela cultura nordestina, como, os elementos da economia, religião, mitologia, classe social, da culinária, da dança etc. O segundo questionamento foi: Como esses



Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO
elementos são enunciados/discursivizados? Esses elementos foram enunciados por meio da literatura de cordel e da linguagem informal, utilizada pelo autor cearense Bráulio Bessa (2018). Podemos dizer que o Nordeste tem uma forte cultura oral, a qual possibilita o uso do coloquial que (re)aparece por meio das relações dialógicas, na qual um discurso é desenvolvido a partir de outro e, posteriormente, direcionado para outros indivíduos. A terceira e última questão foi: Qual o efeito desses elementos na produção discursiva? Por sua vez, esses elementos da cultura nordestina produzem um efeito discursivo de aceitação/valorização sociocultural da região.

O Nordeste é uma região que possui inúmeros signos ideológicos. Esses signos nascem socialmente por meio do convívio entre indivíduos que possuem convicções em comum. Em relação ao efeito discursivo que os elementos encontrados geram, podemos citar o efeito valorativo regional, no qual Bessa (2018) salienta, nos fios do poema, as grandezas da região nordeste, região de um povo hospitaleiro e gentil.

O presente trabalho pode ser referencial para outras pesquisas voltadas para a análise do discurso, na perspectiva das relações dialógicas com foco na nordestinidade, tendo em vista a possibilidade que o mesmo nos trouxe, a de observamos os elementos de uma dada cultura; no caso em questão, a cultura nordestina, e como esses elementos foram construídos, perpassados, até serem considerados signos regionais.

Referências

- ASSIS, Cássia Lobão. *Estudos contemporâneos de cultura*. Cássia Lobão Assis, Cristiane Maria Nepomuceno. – Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008. 15 fasc. – (Curso de Licenciatura em Geografia – EaD) 236 p.
- BAKHTIN, M. M. VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud, Yara F, Viera, Lúcia Teixeira. Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Ferreira. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini... [et al]. 7. Ed. São Paulo. Hucitec, 2014.



- Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO**
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Teoria do romance I: A estilística*. Tradução de Paulo Bezerra; São Paulo. Editora 34, 2015.
- BESSA, Bráulio. *Poesia que transforma*. Rio de Janeiro. Sextante, 2018.
- CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. O que é avançado em cultura. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). *A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008. p. 73-80.
- EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. Ed. São Paulo. Editora Unesp, 2011. P. 9-21.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo. Ática, 2008.
- GRUPOS DE ESTUDOS DOS GENÊROS DO DISCURSO. *A Escuta como Lugar do Diálogo: alargando os limites da identidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de. *A entoação avaliativa na defesa criminal no tribunal do júri: contribuições da Teoria Dialógica da Linguagem*. João Pessoa. UFPB, 2015.
- OLIVEIRA, Antonio Flávio Ferreira de. *A construção de estratégias argumentativas no Tribunal do Júri: Uma proposta dialógico-discursiva*. João Pessoa. UFPB, 2019.
- VOLOCHÍNOV, Valentin N. *A construção da Enunciação e Outros ensaios*. São Carlos. Pedro e João Editores, 2013.